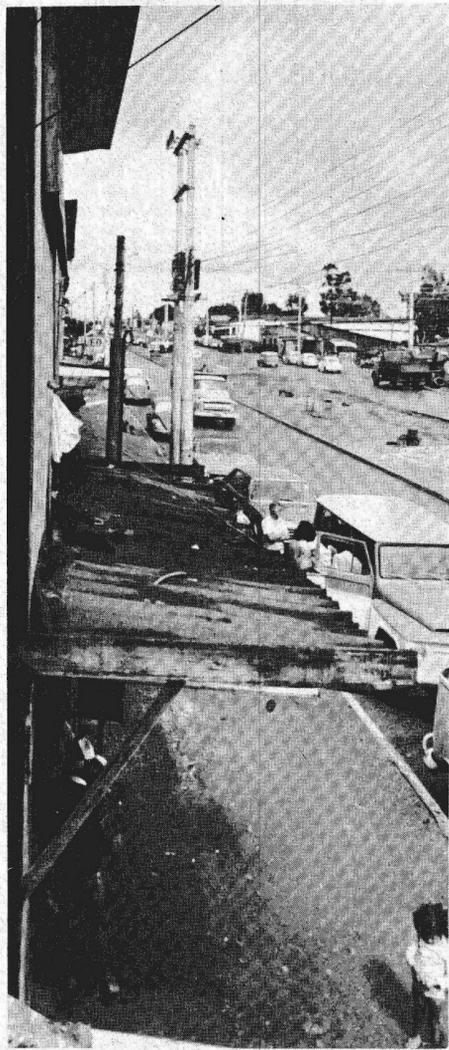
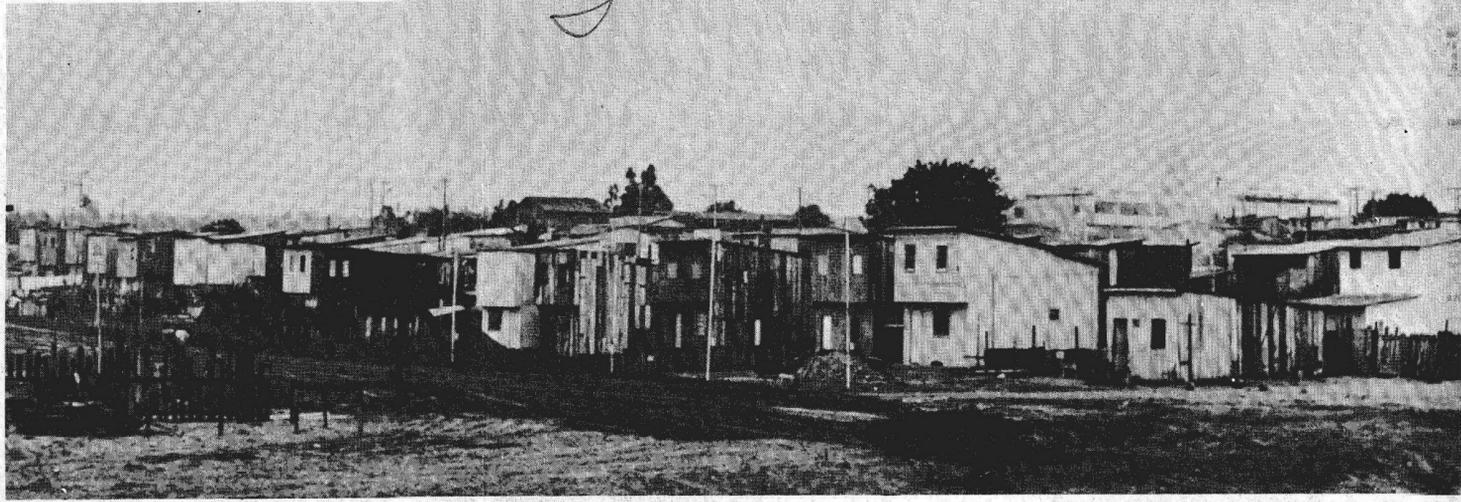


Buarque



A Avenida Central fornece o toque de pequena metrópole à cidade que deu início a Brasília



Núcleo Bandeirante, o começo de tudo

Texto: Teixeira Cruz

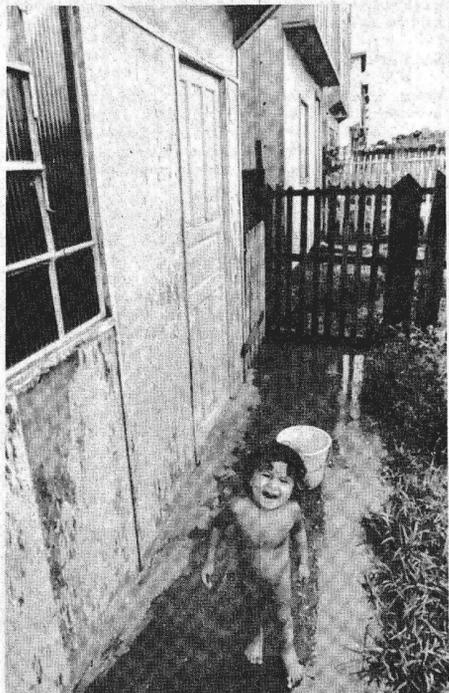
Fotos: Antônio Dorgivan



Este hotel é pioneiro. Existe desde 1956, e hóspedes nunca faltam. Breve deixará de existir. Imposição da situação a ser criada no Novo Núcleo.



Simplex, a Agência de venda de passagens é uma prova de que nem tudo mudou de 1956 para cá. O toque singelo lembra um passeio que começa a ficar distante.



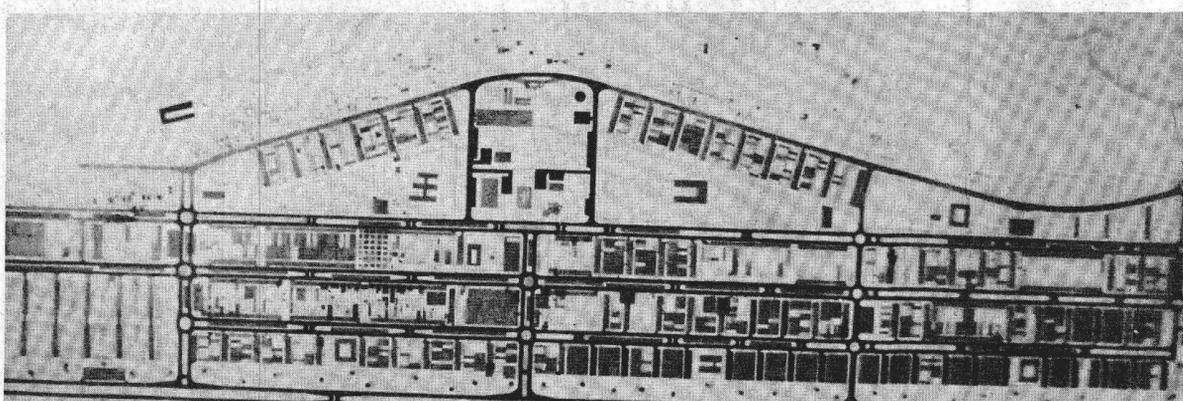
As casas do Bandeirante lembram as cidades do interior, e a monotonia é quebrada pelo riso de uma vida que começa



As casas de madeira, tipo HP-3, com um pavimento superior, lembram aquelas das cidades-fantasma que costumam aparecer nos filmes sobre o velho oeste norte-americano.



O Núcleo Bandeirante deixou de ser "Cidade Livre", e agora cresce ordenadamente



Na planta, o Novo Núcleo Bandeirante, uma cidade que impôs o número de seus habitantes: não pode passar dos 20 mil

Em 1956 o sonho começava. Os paus de arara gemiam vencendo a imensidão das estradas de picarra. Vinham do Ceará, do Piauí, do Maranhão, do Rio Grande do Norte, de toda parte.

Em 1956, com esperanças, nascia o Núcleo Bandeirante, primeiro canteiro de obras do Distrito Federal. Cada nordestino era síntese de otimismo, e através de seu braço acostumado à dura lide da lavoura se fizeram as primeiras edificações, de madeira, vencendo a poeira e as naturais dificuldades do princípio da Capital da República. O cangango, como carinhosamente era chamado o homem da construção civil, o trabalhador, mais uma vez confirmava a frase antológica de Euclides da Cunha: o sertanejo é, antes de tudo, um forte. E rompendo o cerrado, desbravando o terreno, amando a sua nova terra do Planalto, o cangango transbordava sempre a sua alegria, e não se magoou quando, em algum instante, inexistiram melhores condições para a sua sobrevivência na cidade que construiu.

A maioria não pôde lá permanecer. Os peões se espalharam pelo Gama, Taguatinga e uma grande parte foi depois deslocada para a Ceilândia, um outro capítulo na já longa história de Brasília que, com 15 anos, ficou adulta antes do tempo, pela pujança e pelo fluxo migratório de brasileiros que para aqui demandam, buscando o Eldorado plantado no centro do País, o fator maior da interiorização do continente chamado Brasil.

O Núcleo Bandeirante contido num território mínimo, pois a cidade ocupa uma superfície de 1,15 km² (cento e quinze hectares) dispõe apenas de área urbana. O Bandeirante nasceu para desaparecer depois de montado o esquema que ensejasse a consolidação do motor. Para sacramentar a construção de Brasília.

Contudo, o apego, o amor que os moradores pioneiros nutriam pelo Núcleo falou mais alto. Ele permaneceu, ficou sempre palpante, estuante de trabalho, verdadeiro retrato 3x4 do Brasil. O Nordeste que veio para cá, carregado de fé e de confiança neste País de contrastes geográficos e econômicos, mas cujas intenções atuais indicam rumos de integração nunca vistos anteriormente, com exceção das Bandeiras já em fase de acelerada execução, que traduz o anseio de todos e a participação firme da comunidade brasileira, integração que tem como ponto de apoio básico Brasília, a Capital da Esperança.

O Núcleo Bandeirante tem os seguintes limites: ao Norte, a Rodovia Brasília-Goiania, a BR-060; ao Sul o Riacho Fundo; a Leste o Córrego Vicente Pires; e a Oeste a Rede Ferroviária Federal. Em 1975 completa os seus 18 anos e o seu esforço redobrado fez com que no Governo de Elmo Serejo Farias encontrasse o seu modelo definitivo, possibilitando o sonho de sua pequena população: o Núcleo, a matriz do Distrito Federal, não morreu.

No início dos anos 60, o Núcleo era considerado a terceira praça bancária do País. A exemplo das cidades americanas que ficavam perto da mina do ouro, o Núcleo movimentou os seus primeiros passos no mesmo diapasão legendário. Os bares e restaurantes sempre apinhados de generosos fregueses, a cerveja rolava, o uísque substituiu a modesta e agressiva aguardente. E havia alguns dancings no

melhor estilo dos cariocas. Tudo no casarão de madeira nas ruas de barro avermelhado. Os fins de semana eram marcados pela algazarra febril dos trabalhadores, apareciam os primeiros novos ricos, os vocacionados para o comércio.

A vida do Núcleo é uma epopéia. Rústica, talvez tosca aqui e ali, mas assinalada pelo ardor de seus construtores. Cada barraco levantado constituía um ponto importante da grande obra. É uma história cheia de muitos lances, suficientes para encher vários livros de crônicas. É uma história escrita com tintas candentes, executada por homens de coragem, orientada por homens de visão, abençoada por Dom Bosco, inspirada pelo seu sonho profético, e matizada pelo realismo fantástico de seus primeiros povoadores.

A "CIDADE LIVRE"

O Núcleo era também chamado de "Cidade Livre", que somou na sua minúscula área, de 1957 a 1960, uma vasta rede bancária e até mesmo o único hospital daqueles idos. Várias vezes o fogo consumia o que custou "sangue, suor e lágrimas". Os cangangos, no entanto nunca esmoreceram. Reconstruíam a cidade quantas vezes fosse necessário. O Núcleo e eles se completavam.

Em 20 de dezembro de 1961 foi sancionada a Lei nº 4.020 que estabelecia o Núcleo Bandeirante como a primeira cidade-satélite de Brasília e que teve como primeiro administrador (antes de sua fixação) o engenheiro-agrônomo José Pimental Godoy.

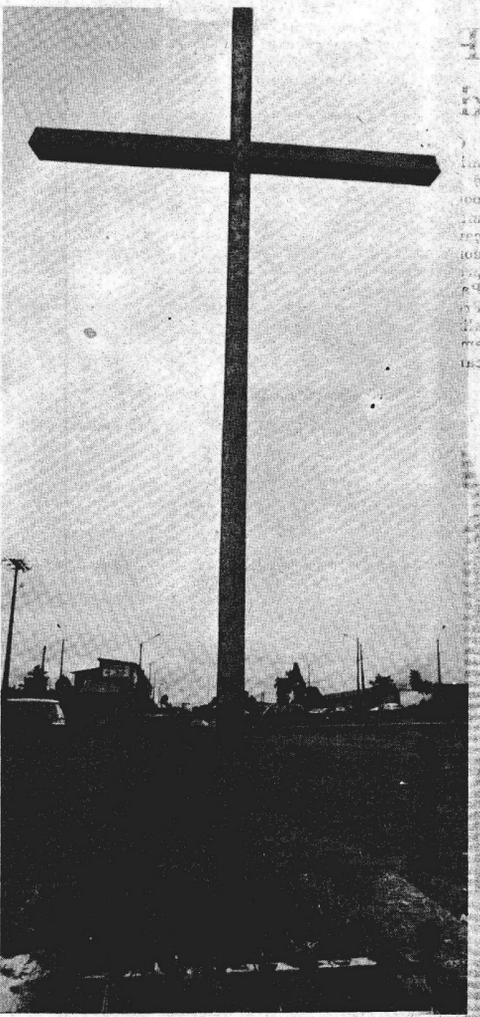
O Núcleo recebia também a grande platéia proveniente das invasões que formam

um colar em torno dele: a do IAPI, Vila Tenório e outras. Há também, hoje uma população flutuante estimada volta de 5 mil pessoas. Muitos vêm de Goiás, de Minas, da Bahia, do Piauí tratar de negócios no Distrito Federal e ficam no Núcleo, onde as diárias das pensões são módicas - existem mais de 20 delas - já que para o café da manhã e a dormida paga-se 30 cruzeiros. O prato feito é orçado em 7 e lá também são encontrados os armazéns atacadistas.

O Núcleo detém as condições ideais para se tornar, no futuro, uma cidade-museu. Pequena, a sua população deverá ficar na faixa de 12 a 15 mil. Possui uma igreja católica, que tem no seu vigário, Padre Roque em pioneiro da primeira hora, o Centro Espírita Sebastião o Mártir, 10 templos evangélicos, vários terreiros de umbanda e é bem atendido no setor educacional.

O seu modelo definitivo vai ser concretizado agora na atual administração do GDF por intermédio da Administração Regional, sob a responsabilidade de João Duarte Moreira, seu 13º administrador. O Núcleo terá uma Avenida de Contorno com 2.170 metros com uma largura que varia de 7 a 10, 5 metros. Haverá o setor de clubes e outro de hotéis. As casas de madeira, tipo HP-3, vão ceder lugar a outras em alvenaria, e o setor comercial será padronizado.

Assim, aos 18 anos, o Núcleo Bandeirante, a antiga Cidade Livre, ganha a sua configuração definitiva, homenagem do Governo do Distrito Federal à semente que frutificou e que continua a produzir frutos que hoje espelham uma realidade nova no Planalto Central.



A Cruz, como nos grandes acontecimentos da Pátria, presente desde a hora primeira na Cidade Livre